



III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

## OS ESTEREÓTIPOS DE GÊNERO NA CONSTRUÇÃO DAS IMAGENS PÚBLICAS DE DILMA ROUSSEFF E JAIR BOLSONARO NA REVISTA SEMANAL *ISTOÉ*

ELIZABETH CHRISTINA DE ANDRADE LIMA/UFCG

ecalima@terra.com.br

MICHELLY PEREIRA DE SOUSA CORDÃO

UFCG/ michellycordao@gmail.com

### RESUMO

O artigo busca problematizar as imagens e narrativas midiáticas contidas nas revistas hegemônicas semanais, à exemplo de *IstoÉ*, que traz em uma de suas capas a construção altamente misógina e machista da ex-Presidenta Dilma Rousseff, sendo apresentada como louca, histérica, totalmente descontrolada e sem “condição de continuar a governar o País” e uma outra de suas capas, mais recente, do atual Presidente Bolsonaro, no qual é apresentado por uma imagem de rosto, meio-homem, meio-leão, tentando passar, entre outras coisas, a imagem de força por meio do signo do mundo animal considerado como o "rei da selva". Nosso intento é refletir como esses tipos de imagens e de narrativas ajudam na construção de uma determinada imagem a partir do recorte de gênero, e de como elas ajudam na construção e/ou desconstrução do masculino e do feminino. Refletimos ainda, como tais imagens midiáticas ajudaram na desconstrução da imagem da ex-presidenta Dilma, fortalecendo a demanda por seu *impeachment* e de como, conseqüentemente, é fácil "bater", atacar, desmoralizar, desrespeitar uma mulher, por sua condição de gênero, numa sociedade, como a nossa, marcada pelo sexismo, machismo e patriarcado, e, igualmente e em sentido oposto, como é fácil construir, positivamente a imagem do masculino, a partir de toda uma construção adjetivada por termos como: força, poder, discernimento, competência, entre outros. Enfim, buscamos demonstrar que tais revistas acabam por naturalizar e potencializar a diferença de gênero, como algo inquestionável, e que, ao final, serve, entre outras coisas, para desestimular a disputa e a inserção das mulheres por espaços de poder.





## INTRODUÇÃO

Ao pesquisar as revistas semanais que fizeram “a cobertura” especialmente do processo de *impeachment* sofrido pela ex-Presidenta Dilma Rousseff uma revista, em particular, nos chamou atenção: a Revista *IstoÉ* que em sua edição de 06 de abril de 2016, traz em sua capa a imagem da Presidenta Dilma Rousseff, como se estivesse tendo um surto psicótico, acompanhada da manchete: “*As explosões nervosas da Presidente: em surtos de descontrole com a iminência de seu afastamento e completamente fora de si, Dilma quebra móveis dentro do Palácio, grita com subordinados, xinga autoridades, ataca poderes constituídos e perde (também) as condições emocionais para conduzir o País*”. Na matéria da revista, Dilma Rousseff chega a ser comparada Dona Maria I, a louca, a mãe de Dom João VI.

Exatamente três anos depois, em 06 de novembro de 2019, *IstoÉ*, produz outra capa ontológica: traz a imagem do atual Presidente da República, Jair Messias Bolsonaro, com seu rosto dividido ao meio, com a metade de sua imagem e a outra metade com o rosto de um leão e com a seguinte manchete: “*Bolsonaro – um – Leão fora de controle. Completamente destemperado, o presidente perde o eixo, trata todos como se fossem inimigos e corre o risco de acabar sozinho. Militares, Juízes do STF, ex-aliados e entidades de comunicação reagem assustados.*”. Com base no exposto, pretendemos partir de um recorte de gênero, com o objetivo de problematizar até que ponto essas duas imagens e narrativas tem por objetivo fazer perdurar os estereótipos de gênero a fim de constranger a ação política e administrativa das mulheres e a visibilidade desta ação no noticiário jornalístico, por meio de um processo que se retroalimenta. Em outras palavras, tentaremos propor uma espécie de confluência entre três temas: gênero, política e mídia. Embora saibamos que existe toda uma tradição de trabalhos acadêmicos para cada um dos pares de temas (tais como: estudos sobre gênero e política, sobre política e mídia, sobre gênero e mídia), a interseção das três temáticas ainda é campo pouco estudado no Brasil.





Acreditamos que propor tal interseção, tomando como caso para análise a construção das imagens públicas da ex-Presidenta Dilma Rousseff e do Presidente Jair Bolsonaro pelas mídias mencionadas, nos parece interessante na medida em que a visibilidade nos meios de comunicação de massa é um fator fundamental na produção de capital político nas sociedades contemporâneas. Em outras palavras, a mídia pode e deve ser pensada como uma esfera de representação. Como um espaço privilegiado de difusão de representações do mundo social e que, por isso mesmo, se estabelece como momento de uma representação especificamente política.

## **ESTEREÓTIPOS DE GÊNERO E O ESPAÇO DA POLÍTICA**

É no contexto de um sistema patriarcal, sexista, machista, misógino e estruturado numa divisão sexual do trabalho, que as mulheres, apesar de sua presença nesses espaços, permanecem a enfrentar diversos obstáculos e estigmas quanto a sua legitimação frente a um cargo público.

As mulheres estão habituadas à exigência de superqualificação, imposta aos integrantes de grupos subalternos que ingressam em espaços privilegiados. Elas sabem, ainda que de forma intuitiva, que lhes é cobrada uma competência superior para que possam exercer tais funções. (MIGUEL & BIROLI: 2011, p. 94).

A ocupação de mulheres na vida política informal ou institucional tem sido compreendida pelos que se dedicam a essa temática – os intelectuais e o movimento feminista principalmente – como um processo de transformação que transcorre entre o silêncio e a voz (PINHEIRO, 2007). Ou seja, há um entendimento de que a não participação feminina nas esferas de poder caracteriza a incompletude da Democracia Representativa.

Pinheiro (2007) destaca ainda que ao se discutir a importância da presença feminina nos espaços de poder, são levantadas questões que perpassam pela formação dos papéis sociais moldados entre o gênero masculino e o gênero feminino, em que em muitas vezes podem estar escondidas sobre a justificativa e importância da mulher na





### III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

vida política. A autora acredita que a ideia de defender a presença feminina na política baseia-se na lógica da *política de presença*, na crença de que as melhores representantes para a população feminina são elas próprias.

Entretanto, as representações de que caberiam as mulheres se inserir na política para alterá-la, ressignificá-la, imobilizam inúmeras possibilidades de compreender as transformações na esfera política, impulsionadas pela entrada desse novo agente político. Pinheiro (2007, p. 21) assevera que não há nada que garanta que a maior presença feminina signifique maior defesa dos interesses femininos. Pelo contrário, por essa lógica ocorre à naturalização de um fenômeno que é socialmente construído e mesmo que demonstrem maior participação em áreas de maior vulnerabilidade da sociedade e aos papéis que exercem dentro da esfera privada, não significa, porém que exista uma espécie de vocação inata. Pinheiro (2007) complementa:

A noção de gênero constitui-se em um elemento central para a explicação do comportamento das mulheres na política institucional. Assim, há reconhecimento da existência de construções sociais a definirem o que é ser homem e o que é ser mulher, e de que essas mesmas construções orientam o estabelecimento de relações sociais, construindo “preferências” que resultam em comportamentos e em representações diferenciadas entre os sexos. (PINHEIRO, 2007, p. 21)

Ao propor a utilização do termo gênero, Scott (1995), sugere que qualquer informação sobre as mulheres é necessariamente informações sobre os homens, que um implica no estudo do outro. Esta enfatiza que o mundo das mulheres faz parte do mundo dos homens, e que ele é criado nesse e por esse mundo masculino. O termo gênero designa ainda, as relações sociais entre os sexos, rejeitando de maneira explícita explicações biológicas que são utilizadas para justificar diversas formas de subordinação feminina. Em contraposição a isso, o termo gênero torna-se uma forma de indicar “construções culturais”, a criação inteiramente social de ideias sobre os papéis adequados aos homens e às mulheres.

No campo do gênero, os homens como sujeitos pertencentes à estrutura social posta, têm liberdade quase absoluta, desfrutam de autonomia, são dominantes nos espaços públicos e de decisão, não necessitando submeter-se a outra categoria de sexo para realizar seus projetos, seus desejos. Já as mulheres, também como sujeitos





pertencentes à estrutura social vigente, precisam solicitar autorização a “primeira” categoria. Isso implica afirmar que se a autonomia, o poder de decisão e a maior ocupação de espaços privilegia apenas uma categoria social de sexo, fica patente a hierarquia e a desigualdade.

A categoria de gênero pode ser entendida como elemento essencial para compreender as formas de entrada de mulheres na política e os papéis por elas desempenhados quando se estabelecem nesse meio. Esta permite-nos, ainda, entender algumas peculiaridades referentes a relação entre mulheres e a prática política.

Ao tornar-se uma figura pública, adquirir visibilidade e reconhecimento social, as mulheres políticas passam a integrar a agenda de notícias e reportagens dos meios de comunicação. Sobre esse aspecto, alguns autores apontam para o papel de conformação do discurso midiático com o do senso comum, corroborando para a perpetuação da naturalização de noções definidoras de padrões e estigmas que envolvem as mulheres nas esferas privada e pública da vida social. Há uma espécie de reprodução e tentativa de manutenção dos papéis socialmente destinados às mulheres. Quanto a isso, Paiva (2008) afirma haver nessa arena midiática manifestações estereotipadas sobre as mulheres que disputam ou que já ocupam cargos de poder:

A tentativa dos *mass media* de estereotipar os gêneros, especialmente o feminino, permite a reprodução de um certo modelo de ser “mulher” acrescido ao atributo de gestora ou parlamentar; e muitas vezes tais classificações, previamente concebidas em nosso sistema de significação coletiva, tenta impingir uma espécie de “jeito de ser” que pode ou não, coadunar com o que se encontra cristalizado culturalmente.

### “A LOUCA E O LEÃO” NA NARRATIVA JORNALÍSTICA

Escreveu Charaudeau, em seu “Discurso das Mídias” (2006:p.38) que “a linguagem é cheia de armadilhas” e nós acrescentaríamos, armadilhas, sobretudo,





### III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

simbólicas, pois o enunciado, antes de tudo, significa e, ao significar, oferece distintas possibilidades de interpretação.

Para iniciarmos uma análise mais detalhada sobre a capa e a manchete da capa das Revistas *IstoÉ*, de 06 de abril de 2016 e de 06 de novembro de 2019 é preciso fazer uma análise cuidadosa dos discursos construídos para dar conta dos estereótipos de gênero nelas presentes.

Abaixo, as capas das revistas e suas respectivas manchetes:





### III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA



Num primeiro momento pode nos parecer que as duas manchetes buscam fazer críticas contundentes aos dois governos, mas se observarmos com mais cuidado as palavras usadas para caracterizar uma e o outro estadista, será patente o uso de estereótipos de gênero e a tentativa muito clara de desconstrução da imagem da ex-Presidenta Dilma Rousseff, classificada como “louca” e a do Presidente Jair Bolsonaro como a de um “destemperado”.

São as seguintes as manchetes das duas revistas, respectivamente:

**“As explosões nervosas da Presidente: em surtos de descontrole com a iminência de seu afastamento e completamente fora de si, Dilma quebra móveis dentro do Palácio, grita com subordinados, xinga autoridades, ataca poderes constituídos e perde (também) as condições emocionais para conduzir o País”.**

Nessa manchete a primeira ideia que fica sobre a imagem é a de uma Presidenta berrando, atacando, como se estivesse completamente desequilibrada.

**“Bolsonaro – um – Leão fora de controle. Completamente destemperado, o presidente perde o eixo, trata todos como se fossem inimigos e corre o risco de**





**acabar sozinho. Militares, Juízes do STF, ex-aliados e entidades de comunicação reagem assustados.”**

Já na capa que traz o Presidente Jair Bolsonaro, este está com cara de fera, mas ele, mesmo fera, está tranquilo. Vamos, a seguir, estabelecer uma comparação entre as duas manchetes:

<p>→Em surtos de descontrole com a iminência de seu afastamento e completamente fora de si.</p> <p>→Dilma quebra móveis dentro do Palácio.</p> <p>→Grita com subordinados, xinga autoridades, ataca poderes constituídos e</p> <p>→Perde (também) as condições emocionais para conduzir o País.</p>	<p>→Completamente destemperado.</p> <p>→ O presidente perde o eixo.</p> <p>→Trata todos como se fossem inimigos e corre o risco de acabar sozinho.</p> <p>→ Militares, Juízes do STF, ex-aliados e entidades de comunicação reagem assustados.</p>
---	--

A frase “em surtos de descontrole e completamente fora de si”, esse trecho leva a pensar em problemas mentais, desconexão com a realidade e ausência de raciocínio; já a frase “completamente destemperado, o único adjetivo aqui é destemperado, a única ideia é uma forte inadequação.

Em outro trecho, em comparação: “Dilma quebra móveis dentro do Palácio”, Tal frase provoca um festival de ideias que vem à cabeça do leitor: descontrole, irracionalidade, inconsequência, destruição, violência, ausência de responsabilidade, perigo, indeterminação, essa frase passa a ideia de alguém completamente louca, que perdeu a capacidade de noção da realidade, alguém que precisa ser isolado da vida social. Já o outro, “o presidente perde o eixo”, ora, o que é perder o eixo? É um leve desequilíbrio em relação a um padrão de comportamento, algo passageiro, que pode voltar à normalidade, algo em desacordo com um padrão, é suave, é crítica a postura da





### III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

revista com relação ao destempero do Presidente, mas o discurso ainda é muito suave se comparado aos adjetivos para classificar o estado mental da ex-Presidenta Dilma.

O outro trecho: “Dilma grita, xinga e ataca”, basta analisar os verbos para, novamente, passar a ideia de uma louca, fora de si. Dilma aqui, não é mais sequer uma mulher, o que dizer, uma Presidenta, ela é somente, uma louca. Aqui o que se tem é descontrole, irresponsabilidade e ação instintiva. Ausência total de raciocínio. Já no texto de Bolsonaro: “trata a todos como se fossem inimigos e corre o risco de acabar sozinho”, O correr o risco não significa a certeza do que possa vir a acontecer, é possível que acabe sozinho, é um texto que traz a ideia de isolamento, intolerância e falta de capacidade de ponderar, é uma atitude desequilibrada, aqui, novamente, há uma ausência de raciocínio, de um comportamento instintivo, no entanto, colocado de maneira muito mais leve do que com relação a Dilma.

E, finalmente, a frase em que há afirmação de que Dilma “perde (também) as condições emocionais para conduzir o País”. A palavra também, entre parênteses, é uma maldosa e misógina tentativa de reforçar a ideia de que o País não pode mais continuar a ser governado por uma louca. É a louca, que demonstra um comportamento irracional, inabilidade cognitiva, inabilidade para governar, para continuar no cargo, incapacidade profissional, alguém que precisa de intervenção psiquiátrica. E por último a frase sobre Bolsonaro: “Militares, Juízes do STF, ex-aliados e entidades de comunicação reagem assustados”, ou seja, aqui o que se tem é uma série de ações do Presidente e como resultado se passa a mensagem para o leitor de que os Juízes do STF, os ex-aliados e meios de comunicação estão acuados, assustados, ou seja, com medo do Presidente Leão. Qual a ideia que suscita tal frase? Que Bolsonaro tem controle, tem domínio da situação, tem poder e total controle da situação, que no máximo, ele está a assustar entidades e poderes da sociedade, que ele é poderoso, é o Leão, que simboliza o “Rei da Selva”, o grande líder, o estadista que é o “Rei do Brasil”.

A propósito dessa capa de Bolsonaro, dias antes, dia 28 de outubro de 2019, foi postado no perfil oficial de Bolsonaro em uma rede social, um vídeo em que o Presidente é retratado como um leão acossado por hienas. Tais hienas representam





### III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

vários partidos políticos, instituições como o STF, a CNBB, a OAB e meios de comunicação, tais como a Rede Globo que estariam querendo “devorar” o leão. No vídeo, de repente aparece outro leão, descrito como “conservador patriota” e afasta as carnívoras hienas. Os felinos se cumprimentam, e surge a imagem de Bolsonaro, uma bandeira do Brasil e a voz do Presidente repetindo o slogan que o popularizou: “Brasil acima de tudo. Deus acima de todos”.

O que tal vídeo quer nos dizer? Ao modo da capa da revista, esse leão, descrito como “conservador patriota” é uma mistura de messias com o salvador da pátria, de alguém ungido de poderes sagrados que vem para redimir o seu reino marcado por injustiças e perseguições.

Já a narrativa sobre Dilma tenta a desconstruir, impingindo a ela a característica de uma mulher desequilibrada que, por não “suportar as pressões” por “tantas denúncias” a ela dirigidas e, na imanência de perder o cargo, reage da forma mais negativa e triste possível: destratando e desrespeitando os seus subordinados e depredando o patrimônio público. Com base em tal construção narrativa, cabe aqui apresentar o que formula Patrick Charaudeau (2006) quando defende que

Comunicar, informar, tudo é escolha. Não somente escolha de conteúdos a transmitir, não somente escolhas de formas adequadas para estar de acordo com as normas do bem falar e ter clareza, mas escolha de efeitos de sentido para influenciar o outro, isto é, no fim das contas, escolha de estratégias discursivas. (CHARAUDEAU, 2006:39)

O efeito de sentido esperado pela matéria da aludida revista não é outro senão o de desqualificar Dilma Rousseff de suas competências para continuar a exercer o cargo de presidenta do Brasil. Como o leitor pode continuar a apoiar uma gestora cuja saúde mental se encontra tão debilitada? Ao passo que Bolsonaro permanece intacto em sua imagem de estadista, pois diante de tantas perseguições, ao contrário de enlouquecer, como “fizera” Dilma, encurrala seus opositores assustando-os quanto a sua capacidade de força e de superação.

Concordamos com Miguel e Biroli (2011:p.18) quando afirmam ser “a mídia de massa um espaço de representação da política” e de fato o é. A disputa pela imposição





### III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

de imagens públicas se constitui na grande característica das disputas eleitorais e da formação da opinião pública e a história tem demonstrado que, infelizmente, as mulheres estão em desigualdade em relação aos homens quando o que está em jogo é a disputa por espaços de poder e, exemplos, como os experienciados por Dilma Rousseff, como no caso da matéria da revista *IstoÉ*, só corroboram com essa assertiva.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando Dilma Rousseff disputou pela primeira vez as eleições para Presidenta no ano de 2010, teve que lidar com inúmeros desafios, o maior deles talvez, o machismo e a misoginia. Sua imagem pública foi atacada de diversas formas. Questionaram sua sexualidade, sua vida íntima, sua racionalidade, sua competência para governar o Brasil. Na disputa de 2014 não foi diferente, apesar de estar no cargo há quatro anos, Dilma sofreu os mesmos ataques da eleição anterior, com o diferencial do uso exagerado das mídias sociais para atingir sua imagem, o que eclodiu no seu afastamento definitivo do cargo de Presidenta, ao completar um ano e oito meses de governo, no dia 31 de agosto de 2016, a partir da votação de seu *impeachment* no Senado Federal, com 55 votos a favor, 22 contra, 01 abstenção e 03 ausentes.

Podemos afirmar que, no caso de candidaturas femininas, o processo de desconstrução ou retirada de legitimidade política, que é a base da representação, é quase sempre feito sob a lógica machista da sociedade. As desconstruções que os políticos sofrem durante o processo eleitoral passam pelo recorte de gênero. As mulheres que se “atrevem” ao protagonismo no mundo público têm como desafio enfrentar a realidade machista.

Como vimos ao longo do artigo, não é fácil ser do gênero feminino em uma sociedade marcada pela dominação masculina; mais difícil ainda, parece ser a disputa por espaços de poder político. Tal ambiente, marcado em sua maioria pelo gênero masculino, não vê com “bons olhos” a convivência, o diálogo e o trabalho em comum com o outro gênero.





### III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

Pela primeira vez assistimos a ascensão de uma mulher ao mais alto cargo do Brasil, a Presidência da República, e por ironia, assistimos, igualmente a sua queda. Assim, como uma última reflexão nos perguntamos e, ao mesmo tempo, deixamos para análises posteriores, se uma das causas que motivaram as práticas de misoginia e de desrespeito à mulher Dilma Rousseff e que eclodiu com o seu afastamento, para além dos interesses econômicos e dos embates sociais, não se deve à sua identidade de gênero? Os discursos de emocionalmente doente, como alguns dos que reproduzimos neste texto intencionam abalar o feminismo, personificado na primeira mulher eleita Presidenta do Brasil.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHARAUDEAU, Patrick. Discurso das Mídias, São Paulo, Contexto, 2006.

MIGUEL, Luis Felipe & BIROLI, Flávia. Caleidoscópio Convexo. Mulheres, política e mídia. São Paulo, Editora Unesp, 2011.

PAIVA, Raquel. Política: palavra feminina. Rio de Janeiro: Mauad X. 2008.

PINHEIRO, Luana Simões. Vozes Femininas na Política: uma análise sobre mulheres parlamentares no pós-constituente. Brasília: Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, 2007.

PARDELLAS, Sérgio.; BERGAMASCO, Débora. Uma Presidente fora de si. *IstoÉ*, São Paulo, ano 39, v. 2.417, p.32-39, 2016.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Sociedade*. Porto Alegre, v. 20, n.2, p. 71-99, jun./dez, 1995. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71721/40667>>. Acesso em: 27 nov. 2017.

STRECKER, Marcos. Bolsonaro – Ele – não se porta como o Rei da Selva. *IstoÉ*, São Paulo, ano 42, n° 2601, p.22-27, 2019.

